



## UMA TENTATIVA ANDROGÊNICA EM *THE MAN DOLL*, DE SUSAN SWAN.

Thaís Daniela Sant’Ana e Pereira<sup>1</sup>

O conto *The Man Doll*<sup>2</sup>, da romancista, jornalista e professora canadense Susan Swan, é uma obra pouco estudada pela crítica literária feminista. Citada por Funck (1994; 142), Swan pertence a uma geração de escritores cuja ficção experimental e inovadora provou ser vital para o projeto de re/des/construção da prática narrativa: “*Susan’s novel is instrumental in the contemporary project of interrogating the nature of representation by challenging, through parody, the tenets of realism.*”. Ainda citando Swan, Funck (1997; 116), em um artigo, levanta a afirmação de que “*Não é de surpreender, portanto, que na literatura canadense contemporânea, a questão da subjetividade nacional se encontre intimamente ligada ao projeto feminista.*” Dessa forma, entendemos um sujeito que emerge do feminismo que, de acordo com Hutcheon (1991), tem seu enfoque nas representações culturais e apresenta paralelos com as preocupações da literatura pós-colonial. Essa luta anticolonialista nos fornece dados para o entendimento de uma dupla colonização canadense – o sistema patriarcal de exploração de mulheres pertencente ao sistema colonial e também, no caso específico do país, ao sistema indígena – que promove o engajamento da autora na perspectiva feminista, lançando mão de uma literatura como medida de auto-afirmação do país e da materialidade do discurso enquanto repositório de valores.

Susan Swan congrega em seu conto observações objetivas, subjetivas, enfim, seus sistemas de ideias que constituem uma rede de intenções sobre um *topos* sempre revisitado – a condição da mulher –, mas destaca-se neste o elemento utilizado para tal, o mito pós-moderno do simbionte que, nas palavras de Haraway (1987; 243), é “*um mito político irônico, fiel ao feminismo, ao socialismo e ao materialismo... No centro da minha fé irônica, minha blasfêmia, encontra-se a imagem do cyborg.*”, o simulacro da perfeição desenvolvido tecnologicamente. Nas palavras de Hutcheon na obra *The Canadian Postmodern* (1988 apud FUNCK, 1997; 116), “*As mulheres escritoras em geral como as romancistas canadenses sentem a necessidade de retornar ao passado, conhecer seus mitos históricos para poderem contestá-los.*”

<sup>1</sup> Mestranda - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” / Assis. thaisdaniela@gmail.com

<sup>2</sup> SWAN, Susan. *The Man Doll*. In: URQUHART, Jane. *The Penguin Book of Canadian Short Stories*. Canada: Penguin, 2008. p. 536-543.



De acordo com Funck (1994), Susan é possuidora de um engajamento consciente com seu contexto histórico e social: “*aims at destabilizing and subverting accepted patterns of belief by reconceptualizing and narrating possible subjectivities.*”. Assim, tendo em vista a observação de alguns elementos do *corpus*, propomos discutir a tessitura da dimensão andrógina suscitada pelo simbionte, que vislumbrará uma flagrante inversão de papéis de gênero, sendo sucumbida por uma imperativa existência masculina portadora de expressão singular e incontestável.

### *The Man Doll, um comentário*

O conto *The Man Doll* faz parte do volume intitulado *Stupid Boys Are Good to Relax With*, lançado em 1996, e é um dos sete livros de ficção dessa autora contemporânea, considerada uma das mais prestigiadas intelectuais do Canadá. O volume subverte o conceito de que apenas os relacionamentos longos são capazes de moldar nossas vidas. Ao invés disto, Susan sugere que encontros ocasionais podem também definir e apontar vidas para novas direções. O conto é marcado inicialmente por uma postura corrosiva e irônica na representação dos desvios à norma efetuados por uma sociedade estruturada em bases patriarcais, mas sob uma camada tênue de civilidade. A obra empreende a análise do comportamento do cyborg por meio de uma abordagem psicológica e social, própria da narração de costumes contemporâneos.

Swan aborda, em sua trama narrativa, a sugestão de androginia da personagem em um processo de instauração da criatura dupla, dual, de acordo com Oliveira (1992), cuja exploração neste trabalho se fará sustentada na presença do masculino e feminino e na permanência hesitante dessas personificações em um contexto futurista.

No escrito de Swan, observamos, no início do conto, sua máxima eficiência de expressão da androginia em: “*I wanted a deluxe model that would combine the virility component of a human male with the intuitive powers of the female.*” (536), para incitar a curiosidade dos leitores para a continuidade do conto e também para introduzir a dimensão feminista em que a obra se insere. Condizente com os conceitos instaurados por oliveira (op.cit.), a personagem parece ser constituída pela dualidade masculino/feminino, pela ilusão da delicadeza e cuidado, pela sensibilidade e intuição e, ao final do mesmo, pela ambição masculina do poder, tão reveladora da precariedade humana. A única configuração que possibilitaria uma reconciliação entre este duplo ser, entre feminizar e masculinizar, é o fato insólito da negação do espaço público para o espaço privado, ou seja, Manny abandonaria a socialização em prol de uma vida doméstica.



Mediado pelas articulações do acontecer, o personagem em busca de sua totalidade, cindido e desassossegado por sua dualidade, em um acontecimento casual, da ordem do mundo, começa a questionar sua natureza cibernética, destinada ao prazer sexual. E o centro desta cisão se dá na afirmação de humanidade que Elizabeth, a então companheira do Boneco, lhe confere, sucumbida pela humanização do simbiote, e na socialização estabelecida entre seus iguais, motivando-o a assumir o espaço público, espaço este de negação ao objetivo de sua criação.

*O texto: uma perspectiva androgênica*

Conforme afirmações de Brait (1996), o título funciona como um emblema que será reiterado e ampliado na narrativa, signo de uma proposição. O conto analisado, *The Man Doll*, deflagra a pretensão de romper com a unicidade do ser, propondo a alternância e, ao mesmo tempo, a co-existência da dualidade feminino/masculino. No entanto, o nome do personagem boneco – *Manny* – assume uma função identitária em que podemos depreender *many*, muitos, e *Man* homem, que aponta para nada menos de que a constituição de muitos homens em um só (e não mulher e homem coexistindo alternadamente), o que é transgressor, de acordo com Oliveira (1994), da ordem de que o feminino seria o avesso ou a imitação do masculino.

O conto mimetiza algo contingente e sensibiliza nossa experiência empírica. De acordo com Haraway (1994; 243), o cyborg é um organismo cibernético híbrido; máquina e organismo, que estaria além dos confinamentos e das restrições do sexo e do gênero culturalmente estereotipados. Bonnici (2007; 245) afirma que tais entidades, depositárias que são de grandes expectativas, testariam o valor intrínseco humano em oposição ao simulacro, permitindo-nos vislumbrar configurações várias, apreensões múltiplas e assunção plena da subjetividade de uma entidade que revelaria utopicamente o que seres humanos poderiam ser, mas não são. O simbiote de Swan não é cyborg comum, pois fora manualmente construído por Susan com função específica de presentear sua amiga Elizabeth e satisfazê-la de tal forma a não mais escutar sua litania sobre os homens: “*I made the doll for Elizabeth. I wanted to build a surrogate toy that would satisfy my friend so completely I would never have to listen to her litany of grievances against the male sex again.*” (536).

É interessante ponderar que a instauração do elemento andrógino – como foi citado por Rosiska Darcy de Oliveira na obra *Elogio da Diferença. O feminino emergente* (1992) – se dá pela multiplicidade de papéis historicamente feminizados, o que é realizado por Manny diariamente no espaço privado do lar. “... *as he placed a spinach quiche on the table.*” (538), “*I want to be the*



*slave, he said. I need to be in service.” (538), “..., his cooking and his kisses.” (537). “It could sense when I was in a blue mood...” (537).*

Enquanto o cyborg de Haraway se apresenta não só ligado à realidade social, para significar uma verdadeira apropriação de todas as partes em uma unidade maior, o cyborg de Swan acaba por refletir uma imagem de extra-ordem, já que sua dualidade vai aos poucos sendo usurpada pelo falocentrismo. Tal falocentrismo – causador de estranheza e desestabilização das personagens femininas: Tina e Elizabeth – impossibilitará o acordo perfeito entre a criatura, a criadora e a destinatária da criação.

*Manny – uma flagrante inversão de papéis de gênero ou uma tentativa androgênica frustrada*

Em “The Doll Man”, o cyborg, cujo cérebro fora configurado por uma cifra representativa, \$1,500, “*The Space Force Bank agreed to simulate the doll’s computer brain from mine for \$1,500.*” (536), e seu conjunto de órgãos sexuais comprados de um fornecedor de segunda mão por quantia bem inferior \$250, “*For \$250 I bought na antique organ that belonged to a 180-year-old Pleasure Boy.*” (537), vive em torno de sua criadora, “*Maker*”, em vias de plenitude, “*The next year with Manny was happy.*” (537), começa a percorrer uma via de desassossego em busca da transcendência correspondente à perfeita simbiose entre sua vida privada dotada de comportamentos e ações historicamente femininos, e sua vida pública dotada, a partir de um jantar, de uma socialização prazerosa, que ascenderá ao poder político. Manny obteve sua pedra de toque das próprias mãos de sua criadora; ele fora motivado à vida pública pela preocupação de sua criadora com o fato de sua vida estar sendo construída apenas em torno das necessidades de Tina: “*Secretly, I worried Manny might harbour resentment about a life built around ministering to my needs.*” (537). A socialização promovida por Tina “*I decided it was time to give Manny some social experiences.*” (538), para aniquilar o sentimento de culpa e a negligência de estar sempre ausente e no espaço público, fomenta então o que desvelará a Manny o porquê de sua existência e posteriormente balizará a atitude concreta rumo ao mundo ideológico patriarcal. Em sua incompletude, Manny declara em sua primeira experiência social que “*I like to help people in their troubles.*” (538). O “ofício” do boneco, de acordo com sua programação inicial, era a de transmitir conforto emocional e prazer físico; tal circunstância mereceria seus esforços, posto que: “*Suddenly, Manny reached over and patted Elizabeth’s hand.*” (538).



A temática da transformação do ser detentor das prerrogativas androgênicas realiza-se no momento em que o personagem Manny, ou The Man Doll, passa a viver com Elizabeth – que antes de conhecê-lo enfatizava os defeitos de caráter do homens, “... *then I find the guy has feet of clay.*” (538) – e a ser designado por ela como modelo de perfeição. A transformação é operada quando o boneco, ao ouvi-la dizer que era humano, confusamente exclama que os outros simbioses, que passam a conviver com ele no mesmo condomínio, também pensam que ele é um humano. “*Elizabeth thinks I’m human, ...*”, “*The dolls think I’m human, too.*” (541).

A atração exercida pelo espaço público faz com que o boneco se auto-affirme, e a socialização começa a gerar um ambiente de inquietação entre eles. A reivindicação por um espaço já-dado em suas concepções, “*The symbiotes were claiming human privileges.*” (541) – já que se apropriaram da linguagem humana e até usavam mecanismos sofisticados de raciocínio como o uso de metáforas, “... *the dolls were also appropriating human metaphors.*” (541) – os remete a algo que tem valor, à moralidade e à virtuosidade de procriar. “*Why can’t we procreate like humans do?*” (541)

A percepção particular de Manny deste fato começa a causar um certo estanhamento, pois a possibilidade de ruptura entre humanidade e tecnologia desenvolve-se a partir do momento em que as pessoas que o circundam, insatisfeitas com suas designações, “*Like any commercial symbiote, my doll was capable of orgasm but not ejaculations. It is illegal for a doll to create life.*” (537), despertam nele a emoção da incompletude e do inconformismo... e o boneco chora. “*Tears slowly dripped from Manny’s clear eyes.*” (541)

A partir disso, os traços que constituem o personagem, visíveis nas lágrimas da última citação, assumem sua função maior no todo orgânico do texto, estabelecendo uma relação de dependência com o elemento essencial - seus direitos - e passa a se ver valer dos mesmos para fundamentar sua própria identidade. Por outras palavras, a realidade altruísta, pertencente a Manny, antes de seu rito de passagem, agora, em função de sua emoção, pode idear sua plenitude: “*Elizabeth said that Manny had left her to become a spokesman for a political lobby of humans and symbiotes.*” (541)

A emergente vida política masculina com que o personagem é envolvido, “*Manny’s group could be heard in the background of the Earth minister’s daily broadcasts their demands.*” (542), fomenta a concretude criadora da totalidade almejada e acaba por impregná-lo de tal modo que a autora eleva os simbioses políticos e os une aos demais companheiros políticos humanos, como



forma de representar e constituir a situação de Manny no seu universo com a frase: “... *there were hundreds of human heads among the masses of synthetic ones.*” (542)

Quando o personagem se encontra em uma fase de popularidade de proporções grandiosas, “*The crowd immediately began to chant, ‘Manny for Earth Minister’ and ‘Symbiotes are humans too.’*” (542), quando a ausência de sua programação inicial para ser um *Pleasure Boy* não mais requer que Manny sirva, sua vida privada é suplantada pela vida exterior, e agora ele permanece suficiente e detentor de sua própria vida e carreira: “*Manny spotted me and waved.*” (542).

Diante deste quadro de aniquilação das expectativas de Elizabeth de que Manny realmente fosse um homem, Tina afirma: “*He’s a Pleasure Boy, I argued. ‘I should know. I made him. Haven’t you noticed he doesn’t eat or defecate? And that’s not all. He can’t procreate either.’*” (542). Diante da incapacidade de realmente se fazer acreditar, Tina resolve desligar o boneco, mas é impedida por Elizabeth, pelo amor que sente por Manny. A amiga Elizabeth prefere perdê-lo a vê-lo desligado publicamente e destituído do poder conquistado, o que na acepção de Oliveira (1992; 96) ratifica “... a noção de que as diferenças entre homens e mulheres residiriam nos papéis sociais, ao mesmo tempo exprime sua convicção de que o apagamento dessas diferenças significaria um estágio superior da convivência humana.”

Agora, em rumo a si mesmo e em busca de sua totalidade, Manny, o político, o candidato a Ministro da Terra, com pretensões de ter filhos, em cujos pensamentos pode romper com a estrutura até então descontínua de seu mundo privado, é levado e aclamado por seus correligionários: “... *the mass of dolls and humans carried Manny off on a sea of hands.*” (543)

E, neste instante, quando o personagem, agora socializado e definitivamente investido dos papéis sócio-historicamente atribuídos ao masculino, está sendo levado, Tina, que estivera ausente e recolhida em seu espaço profissional, agora o olha pela última vez e se depara com uma imagem que resplandece fantasticamente diante de seus olhos. Manny expressa em seu olhar o momento da autocorreção da fragmentariedade de sua criação, do fim da incompletude androgênia que ela mesma projetou, mas que fora sucumbida pelos elementos constitutivos da condição de especificidade do sujeito atribuída a Manny – o de muitos homens em um.

Em síntese, os elementos apontados tiveram a intenção de inserir o conto "The Man Doll" na perspectiva androgênica. Esperamos, portanto, ter podido mostrar, com nossas citações e comentários, que os aspectos andróginos abordados não permitem concretizar o conto na esteira androgênica, pois de acordo com Oliveira (1992), o andrógino contemporâneo teria a cara de homem e esconderia o feminino. Desta forma, resta-nos abandonar o centro necessitante de



mudança, ou a ferida aberta, e fruir em torno da hesitação remanescente da androginia, por conta de nossa subjetividade interpretante em outros textos.

### *Bibliografia*

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

BRAIT, Beth. Bakhtin: conceitos-chave. Petrópolis: Vozes, 1996.

FUNCK, Susana Bórneo. Susan Swan and the female grotesque. In: Canadian Studies. A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies. N.31. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994. p.139-150.

FUNCK, Susana Bórneo. Apropriações do grotesco e do picaresco em Susan Swan e Aritha Van Herk. In: FIGUEIREDO, Eurídice; SANTOS, Eloína Prati dos (org). Recortes Transculturais. Niterói: Eduff, 1997. p.115-132.

FUNCK, Susana Bórneo. O boneco. In: Ficções do Canadá Contemporâneo. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998. p. 129-145.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os Cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: Hollanda, Heloisa Buarque de. Tendências e Impasses. O feminismo como crítica de cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.243.

HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. Elogio da Diferença. O feminino emergente. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: Hollanda, Heloisa Buarque de. Tendências e Impasses. O feminismo como crítica de cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.43.

SWAN, Susan. The Man Doll. In: URQUHART, Jane. The Penguin Book of Canadian Short Stories. Canada: Penguin, 2008. p. 536-543.

SWAN, Susan. Fiction&Poetry. Disponível em:  
<http://www.susanswanonline.com/fiction.html#Anchor6>. Acesso em 20 out. 2009